

Semana de
Música Clássica
no Rio de Janeiro

PÁGINA 3



Os destaques
do Festival de
Cinema do Rio

PÁGINA 4



A herança lúcida
de muitas de
nossos avós

PÁGINA 8



2° CADERNO

Por **Pedro Sobreiro**

Realizada na Marina da Glória, a feira contou com uma megaestrutura e artes magníficas

ArtRio: a cara da Cidade Maravilhosa

Fotos/Pedro Sobreiro

Entre 25 e 29 de setembro, o Rio de Janeiro recebeu a ArtRio 2024. A 14ª edição da feira de arte agitou a Marina da Glória com artes, painéis de debate, um jardim de escultura e oportunidades gigantescas para artistas e colecionadores negociarem peças espetaculares, promovendo a paixão pelas telas e esculturas na Cidade Maravilhosa.

Às margens da Baía de Guanabara, a ArtRio foi dividida em dois pavilhões principais. Para acessá-los, uma ponte retrátil encantou principalmente as crianças, que viam o chão se mover para permitir a passagem dos barcos rumo à marina. E entre eles ficaram localizados os estandes de ativações de patrocinadores. O mais concorrido era o da Granado Farmácias pois estavam dando uma ecobag gratuitamente, além de permitir que o público fizesse personalização delas com carimbos do artista Paulo Mariotti, conhecido por suas artes feitas com caneta esferográfica e uma visão muito marcante de Rio de Janeiro. Não tinha como dar errado.

Outro destaque foi o estande do RIOGaleão. Em comemoração aos dez anos da gestão, a concessionária do Aeroporto Internacional apostou em uma parceria com o coletivo NegroMuro, que faz um trabalho espetacular ao pintar murais pelo Rio de Janeiro com personagens negros da cultura carioca. A ativação trazia seus principais trabalhos, como o mural do goleiro Barbosa, no estádio de São Januá-



'Morro da Penha', de Anita Malfatti.
Obra de 1949



'Casamento na Roça', de Candido Portinari. Obra de 1940



'Mulata', de Di Cavalcanti. Obra de 1966



Maquete do mural de Pixinguinha, na parede do MIS, feita pelo coletivo Negro Muro

rio, e o de Pixinguinha, pintado na lateral do prédio do MIS. Por lá, o público podia ver os esboços e projetos e que levaram à arte final nos muros, um mapa com as principais artes do grupo e itens, como a maquete do prédio do MIS e uma réplica da camisa immortalizada por Barbosa, além de recortes de jornais. E quem passasse por lá ganhava de brinde cartões-postais com as artes do coletivo.

Mas o grande destaque mesmo foram as artes. Dentre nomes consagrados da arte nacional e internacional, os cariocas tiveram acesso a obras de Candido Portinari, Di Cavalcanti, Anita Malfatti e até mesmo rascunhos de Tarsila do Amaral. Da nova geração, os artistas marcaram presença e puderam falar e debater com o público, explicando suas inspirações e dando verdadeiras aulas de arte para os mais curiosos. E isso apenas nas galerias. Ainda houve um palco para debates em larga escala, onde foram debatidos temas como o processo para um artista se profissionalizar, as tendências do meio artístico e até mesmo a grande polêmica do momento: o uso da Inteligência Artificial na arte. Esse debate foi interessantíssimo, porque contou com Clélio de Paula, artista e diretor executivo da Wesense, que foi responsável por um dos projetos mais espetaculares da 'arte tecnológica' dos últimos anos. Ele foi até o Xingu, onde capturou atividades culturais dos indígenas e as preservou por meio de uma tecnologia 3D, retratando essas ações por meio de uma estética que remonta ao pontilhismo. Quem estiver interessado em ver, basta procurar na internet por Xingu Ensemble.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Mostra terá mais de 300 obras de mais de 200 artistas

CCBB RJ com “Fullgás - artes visuais e anos 1980 no Brasil”

A grande exposição “Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” será inaugurada em 2 de outubro, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, como parte das comemorações pelos 35 anos do CCBB RJ. Com Raphael Fonseca como curador-chefe e Amanda Tavares e Tálison Melo como curadores-adjuntos, a mostra, inédita,

apresentará cerca de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, mostrando um amplo panorama das artes brasileiras na década de 1980. Completam a mostra elementos da cultura visual da época, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos icônicos, ampliando a reflexão sobre o período.

Música no Museu I

Musica no Museu enfatiza, em outubro, a rica produção musical brasileira através da realização de concertos em espaços culturais, mostrando a obra de seus grandes compositores e no contraponto os gênios internacionais da música clássica.

Música no Museu II

Destaques para as apresentações dos pianistas Pablo Lapidusas, Miriam Grosman e Licia Lucas de amplos currículos e destaques no exterior, o Duo Pablo Panaro, piano e Vinicius Nascimento, violoncelo e os Coros DeCapo, Bonde Inglês.

Trilha de Letras

Para comemorar a edição de número 150, o programa literário Trilha de Letras, no ar desde 2017 na TV Brasil, exibe uma entrevista do influenciador digital e escritor Felipe Neto para a apresentadora Eliana Alves Cruz nesta quarta (2), às 23h30.

TV Brasil

O convidado especial conversa sobre a sua nova publicação “Como enfrentar o ódio”, livro recém-lançado em que relata seu processo de tomada de consciência política. A obra conta a bem-sucedida trajetória do autor.



Espaço tem vários desenhos do Menino Maluquinho

Artes populares e grande homenagem

Também foi uma oportunidade para museus de arte se aproximarem do público. O sensacional Museu do Pontal, localizado na Zona Oeste do Rio, é facilmente um dos museus mais espetaculares da cidade, mas ainda sofre com o preconceito de parte do Rio, que se recusa a visitar a ZO por ser considerada distante. É tem um acervo fenomenal de Arte Popular e tem uma estrutura realmente invejável. No ArtRio, eles levaram obras de Marcelo Conceição e Bacaro Borges, sendo este último filho do mestre J. Borges, lenda da Xilogravura que faleceu há poucas semanas.

Para deixar a galeria ainda mais especial, o Museu do Pontal levou o próprio Marcelo Conceição para falar sobre suas obras e receber o carinho do público. “Eu me sento cadeira e sou iluminado com o que vem em minha mente. Tem artistas que pintam e analisam paisagens, pessoas. Eu só começo a fazer a arte com o que me vem em mente.

Considero um presente de Deus”, contou Conceição.

Quem também brilhou foi o MAR, Museu de Arte do Rio, que trouxe artes populares tematizadas com os santos Cosme e Damião, convidando os participantes a doarem suas artes populares para o acervo do museu, que colocará em exposição em breve. É uma forma de mostrar que a arte periférica não apenas merece reconhecimento, como conquistará um dos principais museus da Cidade Maravilhosa.

Do lado de fora, uma galeria de esculturas embelezava ainda mais a vista para a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar. Próximo à praça de alimentação, também foram disponibilizadas cadeiras e redes para que o público pudesse apreciar seus alimentos com uma vista incrível para o Cristo Redentor e a Marina da Glória.

Ah sim, o Espaço I Love Prio trouxe artes de Ziraldo, homenageando o grande autor e cartunista que faleceu em 2024. A homena-

gem se deu não apenas pelo reconhecimento desse gênio brasileiro, mas também porque eles são os principais patrocinadores do Instituto Ziraldo, que preserva o legado da lenda. E aqui vai uma informação que apuramos no evento: eles estão preparando uma série limitadíssima de artes do Ziraldo para venda. Isso será anunciado em breve.

No fim das contas, o ArtRio é um evento sensacional que merece ter ainda mais destaque. O Rio de Janeiro é ávido por cultura e faz questão de lotar qualquer oportunidade de consumir e apreciar os mais diferentes tipos de arte. Nesta feira, que também contou com negociações por valores astronômicos de obras expostas, os cariocas tiveram essa chance de ver de pertinho obras consagradas e nomes que já estão dando o que falar na cena da arte internacional, além de artistas que certamente estarão nos principais museus do mundo muito em breve.

Semana de Música Clássica no Rio



Apresentações serão na Sala Cecília Meirelles e no Teatro Copacabana Palace

Rio Chamber Music Week chega a sua 13ª edição com repertório de Dorival Caymmi a Vivaldi

A primeira semana de outubro chega com uma surpresa para quem gosta de música clássica. De quarta-feira (2) até sábado (5), os cariocas poderão conferir a Rio Chamber Music Week, com apresentações especiais dedicadas à música clássica, percorrendo desde obras tradicionais a criações mais recentes. O repertório é belíssimo e apresenta obras de diversos compositores internacionais, alguns destaques são Antonio Vivaldi, Bach, Johannes Brahms, e também obras de compositores



brasileiros, como Heitor Villa Lobos e Dorival Caymmi.

A Semana Internacional de Música de Câmara do Rio de Janeiro (SIMC Rio) chega à décima terceira edição. O evento é promovido pela produtora Brasil Classical, sob direção artística de Simone Leitão, uma das mais renomadas pianistas da atualidade. As apresentações

serão realizadas na Sala Cecília Meirelles e no Teatro Copacabana Palace, entre 2 e 5 de outubro.

Os concertos vão contar com um vasto repertório e a participação especial de artistas renomados, como Alexandre Barros, oboísta e solista da Filarmônica de Minas Gerais, o violinista Daniel Guedes, e a pianista Simone Leitão. Tam-

bém se apresentam musicistas da Camerata Concertante, iniciativa que vem dando oportunidade para artistas ainda desconhecidos ganharem espaço em grandes palcos. A Camerata Concertante tem patrocínio exclusivo dos Correios.

“A música clássica é uma experiência única e que nos leva a uma viagem que aflora os nossos sen-

tidos. O público poderá conferir obras icônicas como As quatro estações de Vivaldi, que viveu no século XVII. Concertos que se mantêm atuais, vibrantes e intensos há séculos”, comenta a diretora artística Simone Leitão.

“Queremos mostrar que a beleza da música clássica também está nas belas composições de grandes artistas brasileiros, como Heitor Villa-Lobos, que tanto nos inspira com o Prelúdio das Bachianas Brasileiras. A semana se encerra com composições de Dorival Caymmi, nos levando a uma viagem pelas sinfonias do artista que fazem parte da nossa história”, revela Leitão.

SERVIÇO:

Teatro Copacabana Palace - 2 e 3 de outubro

Sala Cecília Meirelles - 4 e 5 de outubro

Observação: Quem quiser assistir às apresentações pode comprar através do Sympla ou diretamente nas salas de concerto.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Uma nova edição – agora a de número 26 – do Festival do Rio vai começar nesta quinta-feira, com a projeção do musical “Emilia Pérez”, de Jacques Audiard, abrindo deixar uma maratona de produções do mundo inteiro, incluindo os 51 longas-metragens da *Première Brasil 2024*. O vencedor da competição nacional do ano passado, uma colossal reconstrução de época com foco na ditadura militar chamada “A Batalha da Rua Maria Antônia”, arrebatou o júri, seduziu o público, gerou debates inflamados... mas, cadê? Até hoje, esse thriller político dirigido por Vera Egito não entrou em circuito, mas a chegada de uma nova maratona cinéfila carioca volta a mobilizar interesses por essa revisão histórica dos Anos de Chumbo.

Em 2023, o júri presidido pela diretora Laís Bodanzky (“Bicho de 7 Cabeças”) valorizou o risco absoluto corrido por Vera numa narrativa em PB de estética nervosa. Indicado a prêmios em festivais em Valladolid e Chicago, “A Batalha da Rua Maria Antônia” se impôs na telona do Estação NET Gávea e do Odeon a partir de um jogo de armar de 21 planos-sequência.

Um espetáculo entre o drama e a ação se forma na recriação proustiana de 1968, o chamado Ano Que Não Acabou. Sua estrutura formal chega a ser inóspita em seu arranjo nada convencional de ideias. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamim (Caio Horowitz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs (condições normais de temperatura e pressão). Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68. Seus métodos são sedutores, mas, parecem desrespeitar códigos de ética e sentimentos. Benjamin encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada profes-



Batalha da Rua Maria Antônia tem como foco a ditadura militar

A *Première* de hoje aguarda a *Première* de ontem

Vencedor do Festival do Rio 2023, engenhoso thriller de Vera Egito sobre a luta contra a ditadura na São Paulo de 1968 ganha novos holofotes com a chegada da maratona deste ano

sora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, em estado de graça).

Em nome da democracia, Benjamin tenta manter inflamado o corpo discente e o docente de sua instituição. Tem gente ali abalada por mágoas afetivas. Outras temem a foice do Estado que vestia farda na época. Mas um grupo reage à mordada do governo, sendo

oprimido pela direita radical.

Na direção de fotografia, Will Etchebere ricocheteia por planos de triagem de diferentes salas, corredores e centros acadêmicos de uma faculdade encarada, à época, como o ovo da serpente dos inimigos do governo de farda. A montagem de Julia Zakia galvaniza o fluxo de imagens cor

de chumbo, penumbrosas, revivificando um pretérito imperfeito, que reside como zumbi no imaginário sócio-político da nação.

Num roteiro enxuto, mas bastante provocativo, a diretora de “Amores Urbanos” (2016) discute resiliência, combate e inércia à luz da brasilidade. Em seu agonizante filme, a luta simbólica de 1968 é um espaço de afirmação de identidade. É um ritual que nos baliza pela resistência e que espelhou combates recentes, na Era Bolsonaro. O que acontece é que esse ritual despertou bestas e invocou diabos. É o que o filme mostra, sobretudo na figura mefistofélica de Benjamin construída por Horowitz.

Numa linha de edição que assume o número dos planos como se fosse um relógio, a contabilizar a armação e a explosão inevitável de uma bomba moral, Vera “encena” a SP do fim dos anos 1960 menos pelos e mais pelas impressões do que o passado teria sido. Concentra tudo num tempo curto, numa noite definitiva. Os personagens enfrentam os ataques do Comando de Caça aos Comunistas vindos do outro lado da rua, da Universidade Mackenzie. Quando o confronto explode, molotovs, pedras, paus e bombas são atirados. É uma narrativa de 24 horas nas quais conflitos afetivos, tensões sexuais, ciúmes e traições ideológicas (concentradas na professora Lea), revisitam nosso pretérito imperfeito. A escolha do júri de Bodanzky foi perfeita.

Entre os títulos mais aguardados do Festival do Rio, que vai até o dia 13, destacam-se “O Quarto Ao Lado”, que garantiu o Leão de Ouro a Pedro Almodóvar; “Bird”, de Andrea Arnold; “Black Tea – O Aroma do Amor”, de Abderrahmane Sissako; e “Conclave”, de Edward Berger.

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e aplaudido no Festival de Roterdã, 'Banel & Adama', história de amor com realismo mágico, consagra a diretora Ramata-Toulaye Sy, entusiasta da literatura

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Único representante do continente africano na briga pela Palma de Ouro de 2023, exibido ainda no prestigioso Festival de Roterdã, "Banel e Adama" está encerrando, no Brasil, um ciclo que se arrasta por um ano e meio de périplo pelas telas do mundo todo a levar uma visão particular do Senegal, carregada de tintas mágicas. Sua diretora, Ramata-Toulaye Sy, hoje se agarra com orgulho às vagas que vem conquistando nas maiores maratonas audiovisuais do Velho Mundo. Em maio do ano passado, na Croisette, a revista "Screen" atribuiu elogios a ela na resenha escrita por Wendy Ide. Segundo a resenhista, o filme é uma "fábula atmosférica" e "cresce na sua segunda metade e será de interesse para os distribuidores de filmes independentes". Quem ainda não o incluiu em sua lista de achados das narrativas independentes egressas da África deve fazê-lo pra ontem. Para as plateias nacionais, a chance de aplaudir essa joia na telona começa a partir



Festival holandês pega Banel et Adama emprestado de Cannes

Senegal em tempo de fábula

desta quinta, data de sua estreia comercial por aqui.

"Não quero um cartão postal do Senegal, mas, sim, imagens não saturadas, apoiadas em referências de Van Gogh e Munch. Tentei dialogar com a literatura sem me deixar embeberar por lirismos da prosa", disse Ramata-Toulaye ao Correio da Manhã, em Cannes.

O que existe de ousadia nessa love story no Senegal (terra dos ancestrais da diretora, que nasceu

há 37 anos em Paris e lá estudou) é seu flerte com o realismo mágico. Há até uma revoada de aves que inundam o céu com o aviso funesto de uma tragédia. Khady Mane é Banel, jovem que se casa com Adama (Mamadou Diallo) em entender os interditos culturais de seu povo ligados ao benquerer. A percepção de que seu romance incomoda, ela gravita por veredas do risco.

"É da literatura que o realismo

de tons fantásticos, cercado de magia, brotou para dentro da minha narrativa", explica a cineasta. "Ele passa por Faulkner, entre muitos autores mais ou menos alinhados com essa perspectiva mágica. Eu busquei ir além da comédia romântica clássica, com a qual o cinema nos marcou, explorando potências que nos tiram do real, pois não quero fazer um manifesto, um filme social. É a história de um amor, ainda que fantasmas

do escravismo contra o povo negro apareçam em algum lugar ali. Ainda sobre referências, a Hkady viu 'Camille Claudel', o filme, para construir sua personagem de modo a tornar crível que, hoje, ainda se enlouquece de amor. Existe uma dimensão de tragédia no filme, mas também existe a banalidade da vida, que não pode ser descartada".

Pilares autorais do cinema produzido por países africanos - como Souleymane Cissé, do Mali - estão no radar de Ramata-Toulaye, mas não engessam sua dinâmica criativa. "Respeito a obra dele, assim como admiro outros filmes de colegas africanos. Mas eu, que nasci na França, não cresci com essas narrativas da África. Eu só fui descobri-las mais tarde", disse a cineasta. "São filmes que demoram a circular. Sou vista aqui como alguém recém-chegada. Mas eu tenho um currículo. Não sou uma desconhecida. Estudei cinema. Estou aqui. Veja o que tenho a dizer com meus filmes".



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.



Marta Arruda inaugura mostra comemorativa na CAIXA Cultural RJ, em cartaz até dezembro

40 anos vividos entre esculturas e painéis em aço

Divulgação

A artista plástica alagoana Marta Arruda, 66 anos, vem produzindo esculturas abstratas e painéis em aço ao longo de quatro décadas. É com muita criatividade que transforma a dureza do material bruto em obras singulares de metal-arte. Com mais de 50 peças de várias de suas fases, a exposição gratuita **MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS** ficará em cartaz entre os dias 1º de outubro e 1º de dezembro, na CAIXA Cultural Rio de Janeiro.

No dia 8 de novembro, haverá uma programação especial, aproveitando a vinda de Marta Arruda ao Rio de Janeiro. Ela estará à frente de uma visita guiada às 16h, de uma Oficina de Modelagem Lúdica e Sensorial às 17h, na qual apresentará o seu processo criativo e direcionando a produção de maquetes em fio rígido e cartolinas coloridas, e do lançamento do catálogo impresso da exposição às 19h. Tudo de graça para o público!

“Essa exposição na CAIXA é um presente muito valioso. E que oportunidade única comemorar esses 40 anos, uma data tão especial, em grande estilo: recebendo os olhares do público carioca”, celebra Marta, que expôs na cidade há muitos anos, no Clube Militar, onde fez amigos. “Naquele tempo frequentei vários espaços culturais, com minha pasta de fotos dos meus trabalhos, sempre procurando mostrar para alguém”, recorda.

A mostra conta a trajetória dessa artista singular, que se tornou a



Mostra terá mais de 50 de suas peças, fabricadas ao longo de 40 anos de carreira

primeira soldadora do Gasoduto Nordeste, atuando na tubulação que vai para o Porto de Suape. O ano era 1985 e Marta estava em Recife quando confeccionou a sua primeira peça, que seria para decorar a sua casa. A obra chamou a atenção de uma artista local, que insistiu muito até convencer Marta a se inscrever no Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco.

A peça candidata, Novo Horizonte - das raríssimas com título

-, foi selecionada para participar no Salão, em 1987, que ela considera um marco da sua carreira profissional. Desde então, Marta vem produzindo metal-arte, com peças de variadas formas abstratas, que saem da sua imaginação e viram obras singulares - obras que estão espalhadas em vários locais de Alagoas e do Brasil, em acervos de colecionadores ou criadas sob encomenda.

A inspiração de Marta vem do

próprio fazer. “Dominar o aço e vê-lo ganhar novas formas é bastante prazeroso para mim. Olha, eu não sei desenhar, nem sei fazer um layout ou coisa do tipo, mas quando pego as chapas, sejam cortadas ou inteiras para que eu mesma corte, faço isso com muita intimidade. É um momento muito nosso, meu com o aço. Depois de pronta, a arte, percebo que consegui passar muito do que sentia”, explica.

SERVIÇO

MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS

CAIXA Cultural Rio de Janeiro | Unidade Passeio
Rua do Passeio, 38, Centro do Rio |

Galerias 1 e 2

Visitação: Terça a sábado, das 10h às 20h - Domingos e feriados, das 11h às 18h

Entrada gratuita
Livre para todos os públicos

A exposição tem como inspiração em um envelope com um laudo psiquiátrico dentro e com o título na capa de “Por favor leiam para que eu descanse em paz”



A exposição vem quebrar acordos de silêncio perpetuados pelos mecanismos de poder e propor outras narrativas e revoluções

A herança lúcida de muitas de nossos avós

Um recente estudo realizado pela fundação britânica Parent-Infant revelou que uma em cada dez mulheres apresenta dificuldades em criar vínculos com seus bebês. Os dados da pesquisa se aproximam de uma realidade marcante no Brasil: a depressão pós-parto. Atualmente, ela acomete cerca de 25% das mães brasileiras no período de seis a 18 meses após o nascimento do bebê. E já houve tempo em que as pessoas, porque taxavam a maternidade de missão sagrada, divina, consideravam que as questões acontecidas após o parto.

A exposição tem como inspiração em um envelope com um laudo psiquiátrico dentro e com o título na capa de “Por favor leiam para que eu descanse em paz”, encontrado entre os pertences de MC, avó de Nanda, uma das idealizadoras dessa exposição, na ocasião da sua morte. MC foi internada com depressão pós parto na década de 1950, sendo privada do trabalho e do contato com os filhos.

Nanda construiu a metodologia baseada no convite que contassem as suas histórias de hoje. As artistas colocaram um anúncio em mídias sociais e foram às ruas com a seguinte provocação “Você já foi chamada de louca?”, ouvindo histórias das mulheres que se identificaram com a proposta.

“A escrita da minha avó me

seduziu e surpreendeu. É de uma coragem, de uma honestidade com seus sentimentos que eu não conhecia e nem imaginava. Agora, vejo o que sempre esteve lá, rodeado de segredos, de não ditos, de sussurros e de muita vergonha. Queria ter perguntado pra ela a sua visão de tudo isso que ela viveu, mas talvez ela não pudesse me responder, talvez fosse preciso essa tradução artística de tudo isso, essa expansão”, revela Nanda Félix.

Filmados em 2022, os vídeos registram um longo processo de escutas, envolvendo mais de 70 mulheres e chegando à participação de 30, oriundas de diferentes regiões do Rio de Janeiro. Essas filmagens foram um grande campo de troca, cumplicidade e construção, resultando na criação de uma narrativa histórica e artística feminina.

O espaço expositivo é ocupado por duas grandes projeções em vídeos e uma parede composta por uma série de imagens em formatos diversos, como cianotipias e fotografias, fragmentos textuais e objetos das mulheres participantes do filme que formam um organismo único mergulhando na história de MC e suas reverberações hoje.

Além dos dois vídeos há também uma parede com uma série de fotos em cianotipias com os rostos das mulheres participantes, documentos, trechos das cartas de MC, objetos físicos que as mulheres resolveram dividir com o público

“para descansar em paz em vida”, e suas respectivas histórias. São rastros de memória que tomam conta da parede dando outra dimensão a estas antigas cicatrizes, tanto de MC, quanto das mulheres participantes.

Partindo de uma história pessoal, mas também universal, esta exposição, com equipe composta 100% por mulheres, vem quebrar acordos de silêncio perpetuados pelos mecanismos de poder e propor outras narrativas e revoluções. Traz à luz questões sociais e políticas para que estas possam ser vistas e revistas, que gerem debates e promovam, assim, novos olhares e possibilidades de futuro. A história de MC é a história de milhões de mulheres que continuam sendo submetidas a olhares masculinos limitantes sobre suas formas de existência no mundo.

SERVIÇO

Local: Galeria do Sesc Copacabana – 1º andar (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana/RJ – 21-21 2548-1088 - <https://www.sesc.org.br>)

Período da exposição: até 24 de novembro, sábado
Funcionamento: terça-feira a domingo, das 10h às 19h
Entrada: gratuita
Classificação: livre
Instagram: @sescopacabana



O envelope pertence à avó de de Nanda Félix, uma das idealizadoras dessa exposição

Divulgação